



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de
investimentos e fundador do
Monitor do Mercado



Brasil testará sua dependência de fantasmas da China

Minério de ferro e petróleo equivalem a 40% de tudo o que exportamos para o país asiático

Sob o olhar ocidental tradicional, as chamadas cidades fantasma na China, construídas sem habitantes, e suas estradas ligando “nada a lugar nenhum” parecem desperdício, ou, no mínimo, uma maneira artificial de aquecer a economia. Essa visão, no entanto, não impediu que o Brasil se tornasse grande fornecedor de minério de ferro e petróleo para essas construções avançarem.

Em 2025, exportamos cerca de US\$ 99 bilhões para a China, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Minério e petróleo equivalem a 40% de tudo o que mandamos para lá.

O governo chinês acaba de apresentar seu novo plano econômico, fixando uma meta de

crescimento em torno de 5% ao ano, menor do que a média das décadas anteriores, e defendendo uma mudança de modelo: menos investimento imobiliário e em infraestrutura, focando seus esforços no consumo doméstico, serviços e tecnologia. Em outras palavras, estamos vendo o fim da era das grandes construções chinesas.

A verdade é que as cidades e estradas, antes chamadas de fantasmas, não estão mais tão vazias, nem parecem tão artificiais. A urbanização chinesa saltou de cerca de 36% da população em 2000 para mais de 66% hoje.

Além disso, a população envelheceu rapidamente. Cerca de 23% dos chineses têm mais de 60 anos, enquanto a parcela em

idade de trabalhar encolheu para aproximadamente 60% da população. O número de nascimentos caiu para menos de 8 milhões por ano, praticamente metade do registrado menos de uma década atrás.

Uma sociedade urbana e envelhecida precisa de menos cidades novas e consome mais serviços. O governo chinês já enxergou isso e começa o trabalho de longo prazo para mudar o rumo do navio da economia na direção correta.

Vale lembrar que o país também já colocou em prática seu plano de atingir a neutralidade de carbono até 2060, garantindo que o pico de emissões de CO2 seja atingido até 2030. Juntando tudo, nossas exportações de pe-

tróleo e de minério de ferro para lá parecem estar vivendo seu último grande suspiro.

Como a China é nosso maior parceiro na balança comercial, o Brasil vai precisar mudar os produtos na prateleira antes de ver o cliente abandonar a loja. Mas é difícil pensar em algo que possa tomar o espaço dedicado a minério e petróleo nos próximos anos.

Ainda pelos dados de 2025, 34,5% das exportações brasileiras para a China foram de soja. Em sua esmagadora maioria, ela é usada para alimentação de frangos e porcos por lá. A carne bovina correspondeu a 8,8% das vendas. Ainda que o agro tenha conseguido aumentar bastante sua fatia nessa balança, não parece um caminho simples dobrar

o volume de soja e boi embarcados para o outro lado do mundo.

Durante muito tempo, a relação entre os dois países parecia perfeita. A China precisava construir o futuro e o Brasil fornecia o material para isso. Agora, vamos testar o quanto nossa economia depende da criação das cidades e estradas fantasma da China e do seu consumo de petróleo e derivados. Não preciso nem falar como isso afeta a visão sobre Vale e Petrobras.

A reforma tributária pela qual passamos neste momento prometeu incentivar a indústria, para mudar a nossa sina de só exportar matéria-prima. Nosso maior comprador parece concordar com uma mudança no cardápio.



Crédito Consignado CLT

Para contratar, acesse o
aplicativo Banrisul >>
Empréstimos >> Empréstimos
Consignados ou procure
sua agência.



banrisul

SAC 0800 646 1515 Ouvidoria 0800 644 2200

* Sujeito a análise de crédito.

Farsul alerta para possível especulação e falta de diesel no campo no RS



Claudio Medaglia, de Não-Me-Toque
claudiom@jcrs.com.br

O presidente da Farsul, Domingos Velho Lopes, afirmou ontem, durante a Expodireto Cotrfijal, em Não-Me-Toque, que a especulação na cadeia de distribuição de diesel no Estado está provocando a interrupção no abastecimento de propriedades rurais em plena colheita da safra de verão. Segundo ele, algum elo entre refinarias, distribuidores e Transportadores Revendedores Retalhistas (TRRs) está especulando e isso vai trazer prejuízo aos produtores se não for resolvido entre ontem e hoje, afirmou o dirigente.

A manifestação ocorre após

relatos de produtores sobre a não entrega de combustíveis pelos TRRs nas últimas 48 horas. Em comunicado, a Farsul informou que as empresas responsáveis pela distribuição de diesel nas propriedades rurais atribuíram o problema às refinarias, que teriam suspenso o fornecimento sem aviso prévio ou justificativa.

Segundo a entidade, a situação é considerada grave porque o Rio Grande do Sul está em meio à colheita da safra de verão, especialmente de soja e arroz. O atraso nas operações pode expor as lavouras a intempéries em um momento em que o Estado já acumula prejuízos decorrentes de eventos climáticos recentes, com reflexos em toda a economia gaúcha.

A federação informou que está acionando a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), o governo do Rio Grande do Sul, o governo fede-

ral e o Ministério de Minas e Energia para buscar a normalização do abastecimento. Além disso, a entidade afirmou que já mobilizou seu departamento jurídico para avaliar medidas legais que possam garantir a retomada da entrega de diesel às propriedades rurais. A Farsul também solicitou ao governo estadual que atue junto ao Ministério de Minas e Energia para evitar que a situação se agrave. O problema também mobilizou a Federarroz, que está orientando os produtores rurais a enviarem denúncias sobre a comercialização do combustível, no Estado. A entidade recebeu reclamações de diferentes regiões gaúchas sobre problemas de fornecimento, os quais indicam que houve aumento no preço do combustível nos últimos dias e cancelamento de vendas ou alegação de ausência de estoque por parte de estabelecimentos que comercializam óleo diesel.

ANP recebeu informação sobre dificuldades pontuais de aquisição

A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) informou que recebeu informações sobre dificuldades pontuais de aquisição de diesel por produtores rurais no Rio Grande do Sul. De acordo com a agência, no entanto, a produção e a entrega do combustível seguem em ritmo regular pelo principal fornecedor da região, a Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), da Petrobras.

A oferta de diesel está em risco no Brasil devido ao aumento do preço do produto no mercado internacional, que descolou do praticado no mercado interno pelas refinarias brasileiras e inviabilizou importações.

“Cabe destacar que o Rio Grande do Sul é um estado que produz mais diesel do que consome, encontra-se com nível de estoque regular e não foram constatadas justificativas técnicas ou operacionais que expliquem uma eventual recusa no forne-

cimento do produto”, explicou a agência.

Segundo a ANP, durante o final de semana passado, a agência entrou em contato com os principais fornecedores da região e apurou que o Rio Grande do Sul conta com estoques suficientes para assegurar o abastecimento regular de diesel. Aumentos de preços injustificados no estado também serão objeto de investigação da ANP em conjunto com órgãos de defesa do consumidor.

“Equipes técnicas da ANP estão realizando verificação das instalações e operações relevantes. As distribuidoras serão formalmente notificadas para que prestem os devidos esclarecimentos à ANP sobre o volume em estoque, os pedidos recebidos e os pedidos efetivamente aceitos”, disse a ANP em nota, ressaltando que está preparada para adotar todas as medidas cabíveis a fim de assegurar a continuidade e a normalidade da oferta de diesel no País.